

CARNE ASSADA COM REPOLHO E BATATAS: A CARGA DRAMÁTICA DOS ALIMENTOS NO FILME “SABOTAGE” DE ALFRED HITCHCOCK

ROASTED MEAT WITH CABBAGE AND POTATOES: THE DRAMATIC LOAD OF FOOD IN ALFRED HITCHCOCK'S FILM “SABOTAGE”

CARNE ASADA CON REPOLLO Y PAPAS: LA CARGA DRAMÁTICA DE LOS ALIMENTOS EN LA PELÍCULA “SABOTAJE” DE ALFRED HITCHCOCK

Cristine Maccarone

Chef de cozinha e professora universitária. Mestre em Comunicação pela Anhembi Morumbi. Orientadora do Projeto Integrador Gastronomia e Saudabilidade.

E-mail: cris.maccarone@gmail.com

Luiz Antônio Vadico

Doutor em Multimeios. Professor do Programa de Pós-graduação em Comunicação, Universidade Anhembi Morumbi.

E-mail: vadico@gmail.com

Resumo

A obra de Alfred Hitchcock já foi analisada pelos mais diversos vieses, mas um dos que é ainda relegado a relativo abandono, é o da presença dos alimentos em seus filmes. A verificação dos alimentos e a função dramática em “Sabotagem”, de 1936 se deu através de um formulário de pesquisa. Para isso, foi estabelecido um diálogo com teóricos da área de Cinema, como François Truffaut e Jacques Aumont, e, no que tange aos alimentos e ao seu papel social, com Massimo Montanari e Jean-Louis Flandrin.

Palavras-chave: Cinema. Hitchcock. Alimento. Função dramática. Análise fílmica

Abstract

Alfred Hitchcock's work had been analyzed by diverse biases, but onw, has been yet relatively neglected, is the constant presence of food in his films. The verifying and the dramatic role of food in “Sabotage”, filmed in 1936, took place by this research. With this in mind, a dialog was established with theoretical experts in the field of Movies, such as François Truffaut and Jacques Aumont, and related to food and its social role with Massimo Montanari and Jean-Louis Flandrin.

Keywords: Hitchcock. Movies. Hitchcock. Food. Dramatic function. Film analysis.

Resumen

La obra de Alfred Hitchcock ya fue analizada desde los más diversos ángulos, pero en uno de los que aún está relegada a un relativo abandono es el de la presencia de los alimentos en sus películas. Para ello, se estableció un diálogo con teóricos del área del cine, como François Truffaut e Jacques Aumont, y, en lo que atañe a los alimentos y su rol social, con Massimo Montanari e Jean-Louis Flandrin.

Palabras clave: Cine. Hitchcock. Alimentos. Función dramática. Análisis fílmico.

Introdução

Presente desde o nascimento, o comer e a recompensa prazerosa resultam em memória afetiva. O alimento é, também, um dos principais vínculos da sociabilidade e da convivência. Logo, o ato de comer é repleto de elementos e significados fisiológicos, culturais, sociológicos e filosóficos. Logo, se o comer contém vários significados, quando ele se encontra dentro de uma narrativa ele passa a ser reconhecido como elemento dramático.

Neste artigo será analisado o filme “Sabotagem” (*Sabotage*, 1936) do diretor inglês Alfred Hitchcock e os alimentos presentes, seus significados, seu papel na ação e o quanto ele contribui para a caracterização das personagens e suas condições sociais, como um elemento útil para a compreensão do enredo. Serão analisadas as barracas de comércio de rua que servem de cenário, os alimentos e as refeições.

Esse filme dirigido por Hitchcock, “Sabotagem”, tem como título original *Sabotage*. Também chegou a ser lançado no Brasil com o título “O marido era o culpado”. Foi feito em 1936, na Inglaterra. Esse suspense de 76 minutos, em preto e branco, tem como atores principais Sylvia Sidney no papel de Mrs. Winnie Verloc, Oskar Homolka no papel de Mr. Verloc, Desmond Tester como Stevie e John Loder como Ted. O roteiro é de Charles Bennet, baseado no romance de Joseph Conrad, escritor britânico de origem polaca.

I A história

A cena inicial, antes mesmo dos créditos, é um primeiríssimo plano na página de um dicionário, onde está impressa a palavra “sabotagem” com sua definição: “destruição intencional de prédios ou maquinários, com o objetivo de alarmar grupos de pessoas ou causar desordem pública”. Depois da abertura, o filme inicia com um *blackout* em Londres e do reconhecimento, por parte das autoridades, de que se trata de um ato de sabotagem, pois foi encontrada areia aonde não deveria haver. O “O que haverá por trás disso?”

e “Quem terá feito?” da parte dos investigadores têm como resposta um corte para o rosto, em *close up*, do culpado, o Sr. Verloc, personagem de Oskar Homolka. As consequências do *blackout* não foram tão terríveis como os sabotadores esperavam. As cenas seguintes mostram os habitantes da cidade rindo, com fósforos e velas acesas.

Verloc é também proprietário de um cinema numa região comercial de Londres, a *Lower Marsh Street Market*¹, onde ele habita com sua esposa Sra. Winnie Verloc, personagem de Sylvia Sidney e do irmão dela, a criança Steve, interpretada por Desmond Tester. O cinema fica exatamente ao lado da W. Brown & Sons, pequeno mercado onde trabalha Ted, personagem de John Loder. Ted é um jovem detetive da Scotland Yard, que usa o emprego na loja de frutas e verduras para estar próximo do Sr. Verloc e colher informações a seu respeito. Para isso, além do disfarce de verdureiro, Ted se aproxima da Sra. Verloc e de seu irmão. Ted se convence da inocência da Sra. Verloc e passa a protegê-la.

Como o *blackout* foi um fracasso, Verloc tem uma nova missão: colocar uma bomba em uma determinada estação do metrô em *Piccadilly Circus*, centro de Londres. Quando Verloc descobre a verdadeira identidade de Ted, e que está sob suspeita, pede para Steve, irmão da Sra. Verloc, fazer a entrega do “pacote” onde está uma bomba juntamente com rolos de filmes. A bomba tem local e hora exatos para ser entregue e, na medida em que o menino avança em seu destino, a tensão aumenta, pois Steve se distrai com vendedores ambulantes e acontecimentos que vão surgindo, até o momento em que, de tão atrasado que está, a bomba explode dentro de um ônibus matando todos, inclusive Steve.

As evidências apontam para Verloc como culpado. Ele não nega e a sra. Verloc fica arrasada. Na hora do jantar, Verloc está esperando que a Sra. Verloc lhe sirva, como sempre. No cardápio, carne assada com repolho e batatas. Ela fatia a carne com os olhos fixados na faca e a solta assustada. Vê-se Verloc agindo naturalmente, como se nada tivesse acontecido. Mais uma vez a Sra. Verloc é atraída pela faca, enquanto fatia a carne. Verloc, prevendo alguma coisa, se aproxima da sra. Verloc, que o mata com uma facada. Ela foge do apartamento com a intenção de se entregar para a polícia. Ted a

¹ Mercado da rua, histórico, tem operado como centro de compras local desde meados do século XIX.

desaconselha. Enquanto isso, o homem que havia fabricado a bomba vai ao apartamento de Verloc para apagar possíveis evidências e pistas. Quando a polícia chega, ele encontra o corpo de Verloc e, para não ser pego, explode o apartamento. Verloc é dado como morto pela explosão e a Sra. Verloc não chega a ser incriminada.

2 O filme

“Sabotagem” foi vagamente baseado no romance *The secret agent*, do escritor inglês Joseph Conrad. O título não poderia ser o mesmo, pois já havia sido utilizado por Hitchcock em seu filme anterior, também feito em 1936. Nos Estados Unidos, o filme foi lançado com o nome *The woman alone*. Num esforço de tornar a história mais visceral, o grupo de anarquistas do original foi transformado num grupo sinistro de agentes de poder estrangeiro, num cenário do centro de Londres. Existe a suposição de que essa mudança tenha sido feita de forma proposital, para evocar a Alemanha nazista², mas o nome do sabotador foi mudado de Adolf para Karl. A produção foi projetada para acomodar a grande estrela americana Sylvia Sidney, emprestada por Hollywood.

Hitchcock não ficou muito satisfeito com o resultado final. Achava o filme um pouco confuso e com algumas questões complicadas. Uma delas era o vilão. Hitchcock adorava vilões e os construía muito bem. Em “Sabotagem”, Verloc serve também como o anti-herói, ele não quer machucar ninguém, até ser forçado. Mas a morte do menino parece não ter muito significado para ele e não se sabe em que condições Verloc se formou: ele é muito mais velho que a Sra. Verloc.

A outra questão mais complicada ainda é a morte de Steve, o irmão da Sra. Verloc. Para Hitchcock, essa morte foi um erro grave (TRUFFAUT, 2010, p. 106), pois durante todo o trajeto feito pelo personagem até seu destino, ele se envolve em situações engraçadas e se torna cada vez mais simpático. Fazer morrer uma criança em um filme, na época, era um erro

² <http://moviegoings.wordpress.com/2008/04/30/week-18-sabotage-1936/>>acesso em 12/05/2019

grave. Segundo TRUFFAUT (2010, p.107) é um abuso do poder do cinema. Mas essa cena é a peça central do suspense. Era o período que Hitchcock estava desenvolvendo um interesse pela técnica russa, principalmente por Sergei Eisenstein. E, nesse filme, vemos essa influência na montagem, na técnica da edição de várias cenas, para criar a impressão que uma única cena não pode transmitir. Na sequência da bomba com o menino, as cenas são meticulosamente justapostas para criar a sensação de tempo a ser expandido e comprimido, de forma a ficar insuportavelmente tensa para o espectador³.

“Sabotagem” também é experimental na utilização de locações, que não eram muito comuns para um filme britânico da época: o aquário, a rua do comércio *Lower Marsh Street*, as ruas do centro de Londres e a praça *Piccadilly Circus*, com suas placas de propaganda, inclusive da Coca-Cola. É um filme urbano.

Em “Sabotagem”, Hitchcock usa os filmes exibidos na sala do cinema de Verloc para fazer uma brincadeira entre a ficção e a realidade. No começo do filme, Ted, o detetive, entra na sala de jantar para entregar alfaces, enquanto tiros e gritos ressoam no ambiente. Ele se assusta e percebe que o som vem de uma janela que, mais tarde se saberá, dá para a parte traseira da tela de projeção. Diz: “Pensei que alguém estivesse sendo morto.” Verloc responde num tom cheio de significados ocultos: “Provavelmente... lá no filme”. Mais tarde, quando Verloc envia Steve para sua missão fatal, a desculpa para a entrega são os rolos do filme “Bartolomeu, o estrangulador”. Na cena, após saber da morte de seu irmão, a Sra. Verloc vagueia desnorreada em direção ao cinema onde a multidão ri vendo *Who killed Cock Robin?*, de Walt Disney. Ela senta para assistir e ri junto com o público. *Cock Robin* é uma ave cortejada por outra ave fêmea, quando uma figura sombria, com um arco e flecha na mão, atira no peito de Robin. Quando ele cai no chão, um *close-up* no rosto da Sra. Verloc mostra o sombreamento de sua expressão, na medida em que do som do cinema vem a pergunta: “Quem matou *Cock Robin?*”.

³ http://filmsdefrance.com/FDF_Sabotage_1936_rev.html > acesso em 10/05/2019

3 Os alimentos e as refeições

Em “Sabotagem”, vê-se uma referência familiar de Hitchcock. A barraca de frutas e verduras em que seu pai trabalhava está representada na quitanda onde Ted trabalha, na rua do comércio de alimentos de Londres, a *Lower Marsh Street*. Logo após o *blackout*, Hitchcock mostra o Cine Bijou, o cinema de Verloc, onde sua esposa administra a devolução do dinheiro para o público que havia comprado ingresso. O cinema está situado exatamente entre duas barracas: uma é a barraca que vende carnes e embutidos e outra a barraca de frutas e verduras em que Ted, o detetive, trabalha. Podem-se notar, de forma clara, os ingredientes comercializados nas barracas, pois eles são ressaltados pela luz das velas sendo acesas. Na barraca de carnes, assim que o vendedor acende a vela, veem-se porcos pendurados, inteiros e uma placa onde se lê: “*very choice*”. Na outra barraca, Ted, o detetive, está utilizando uma maçã como apoio para a vela que está acendendo para iluminar todas as outras frutas.

A Sra. Verloc tem, de um lado, o porco. O porco representa o indivíduo sujo, o diabo. O espírito de porco é a contradição, o sujeito de má índole que tende a contrariar os demais, o obscuro (GIBSON, Clare. 2008). Do outro, a maçã. A maçã representa, para os cristãos, o fruto da árvore da sabedoria, comido sem a autorização de Deus por indução da serpente. A maçã representava, neste caso, a ânsia da sabedoria, a ambição de querer saber mais e poder igualar-se a Deus. É o símbolo das tentações e dos desejos terrenos. Na mitologia grega, as maçãs de ouro simbolizam a discórdia (GIBSON, 2008). Essa parece simbolizar a escolha que a Sra. Verloc terá de fazer, ao longo da narrativa, uma escolha entre Ted, o jovem rapaz inteligente e interessado, e Verloc, o marido mais velho dá sinais de ter algo a esconder. Se nota isso quando a Sra. Verloc pede ao marido para ir conversar com o público a respeito do dinheiro que deverá ser devolvido em consequência do *blackout* que impediu a projeção, ele nega dizendo que eles já estão acostumados com ela. Mas Ted não se furta a ajudá-la. Quando ela chega, o encontra falando sobre leis, artigos, parágrafos e se encanta com a inteligência e solidariedade do rapaz. Paradoxalmente, diz, brava, para ele não se meter, que ela devolverá o dinheiro. Ted responde: “Não se renda, estarei com

você.” E a Sra. Verloc: “Prefiro que se conforme com sua barraca de maçãs”, mas querendo dizer: “Sai, tentação!”.

Uma funcionária do cinema se desculpa com a Sra. Verloc pelo atraso, dizendo: “Passei maus bocados tentando comer minha torrada com ovo no escuro. Metade dela está na minha orelha agora”. Mas uma vez, Hitchcock utiliza a comida como forma de humor, para dar uma pausa para uma situação tensa. É o alívio cômico. Essa fórmula de introdução do humor em contraponto com a tensão, ele usará mais vezes ao longo da narrativa⁴. O uso do alimento para isso é o que MCDEVITT e SAN JUAN (2009, p.365) definem como um dos temas hitchcockianos. Segundo eles, esse elemento comum em filmes de Hitchcock é quase totalmente baseado em seu senso de humor negro e no seu famoso amor pelos alimentos. Para POMMER (2001, p. 38), o alimento⁵ aparece como o corriqueiro fator cotidiano capaz de fazer esquecer o terror da morte certa. Em outro momento, a fórmula “alimento X humor” junta-se ao gosto que Hitchcock tinha por ridicularizar policiais. Em uma cena, quando Ted está na quitanda chega um policial que vendo uma folha de alface no chão pergunta se ele não acha aquilo perigoso, completando achar que ele ficaria satisfeito ao ver alguém quebrando uma perna. Ted responde: “Depende se for sua perna ou a minha. Gosta de laranjas? Estão deliciosas hoje. São boas para os pés”.

Quando a luz retorna, tudo volta a seu normal. A Sra. Jones, empregada da casa da Sra. Verloc, ao encerrar o dia e preparar-se para ir embora avisa que as verduras estão preparadas e Steve cuida delas. A cena a seguir é a de Steve finalizar o jantar. Ele tira do forno uma assadeira quente contendo um pedaço de carne, mais precisamente uma perna de algum animal, alguma carne pouco nobre. Quando ele vai colocar a assadeira na mesa, enrosca a cabeça num pano de prato pendurado para secar num varal estendido no meio da cozinha, fazendo entender o nível sócio econômico da família Verloc. Steve, sem enxergar nada pois o pano tapa sua visão, enrosca

⁴ No aquário, um casal de namorados conversa. Ele: “A fertilidade desse molusco é muito alta. Depois de por um milhão de ovos a ostra fêmea muda de sexo.” Ela: “Não a culpo.” E em outro momento, quando os policiais são ameaçados por uma bomba, um deles diz: “Esvazie o cinema e eu ficarei aqui e tomarei conta dele.” O outro responde: “Não eu ficarei aqui, você tem esposa.” E o primeiro responde: “Por isso mesmo”.

⁵ O alimento, o humor ou os dois juntos.

o pé no avental, bem maior ele, cambaleia até a mesa onde deixa a assadeira que queima sua mão, quebra um prato e, como a criança que é, esconde os cacos na gaveta da mesa. Hitchcock assim apresenta Steve, informa ser ele ainda um menino, que apesar da idade tem responsabilidades, mas ainda vive a infância. E antecipa, mostrando o que podia ter-lhe acontecido na cozinha, a cena em que ele correrá perigo fatal carregando a bomba até a estação do metrô.

Steve está roubando uma batata da panela, quando a Sra. Verloc entra na cozinha toda orgulhosa do irmão por ele ter finalizado o jantar. A batata, que já foi considerada alimento para porcos, tornou-se alimento básico na Irlanda a partir do século XVII, e depois na Inglaterra e Holanda. Segundo FLANDRIN e MONTANARI (1998, p. 712), a batata nunca perdeu o signo de alimento dos pobres, daqueles que nem sequer podiam comprar pão. Sua ausência nos cardápios de festas confirma tal estatuto. Quanto aos orçamentos domésticos, confirma que sua importância na alimentação era inversamente proporcional ao nível de renda e diretamente proporcional ao tamanho família. Foi essa a raiz que garantiu o acelerado aumento populacional ocorrido nos séculos XVIII e XIX.

Enquanto a Sra. Verloc e Steve estão às voltas com a preparação da comida, Verloc aguarda o jantar na sala, limpando a unha ainda com restos de areia. A Sra. Verloc e Steve trazem o jantar em travessas de porcelana iguais. A refeição inclui carne assada, repolho e batatas. É uma espécie de *Corned Beef and Cabbage*⁶, típico prato inglês e irlandês preparado com carne de qualidade inferior. Verloc destampa uma das travessas e reclama que a empregada deixou queimar, outra vez, o repolho. A Sra. Verloc se defende, dizendo que sempre ressalta para a empregada a preferência dele pelo repolho e, como uma mulher submissa, se oferece para preparar uma salada e pede a Steve que vá a quitanda comprar alface e “colocar na conta”. Dessa forma, mais uma vez, Hitchcock reforça a situação sócio econômica em que se encontra a família Verloc. O repolho e a alface sempre fizeram parte da alimentação de camponeses, pois são de fácil plantio em qualquer pedaço de terra. Constituem parte da economia de subsistência entre os séculos XV a XVIII (FLANDRIN e MONTANARI, 1998, p. 608). Mesmo o chucrute,

⁶ Prato típico inglês e irlandês preparado com carne (peito de boi) curada, repolho e batata. Receita anexo.

prato clássico da região da Alsácia, na França, era considerado uma “comida ruim e de mau gosto, capaz de envenenar o diabo.” (FLANDRIN e MONTANARI, 1998, p. 608).

A Sra. Verloc, enquanto fatia a carne, reforça a situação que vive, dizendo que não poderiam comprar a alface se tivessem devolvido o dinheiro do cinema para o público, como ele queria. Demonstra total insatisfação com o marido que dormia na hora do *blackout*, não quis dar satisfação aos clientes e ainda reclama do jantar. Nesse momento, chega o verdureiro Ted, com vários tipos de alfaces nas mãos para se certificar de qual a Sra. Verloc prefere. Steve já havia dito a ele, mas essa foi a forma encontrada por Ted para estar próximo da família sob suspeita pela Scotland Yard. Ted mantém-se no disfarce de verdureiro para investigar a família Verloc. Em um encontro entre os dois, em frente ao cinema, Ted dá sinal para seu companheiro seguir Verloc anunciando: “Abacaxi, abacaxi a 1 cent!!”, como se eles tivessem um problema para resolver.

Verloc encontra seu comparsa no aquário de Londres e, para não levantar suspeitas, seu companheiro olha a tartaruga marinha (no cristianismo a tartaruga era considerada uma criatura demoníaca que representava a escuridão, segundo GIBSON, 2008) e diz que três delas dariam uma bela sopa para a festa do prefeito no sábado seguinte (dia planejado para outro atentado) e data para comemorar com uma iguaria. Verloc responde: “Dizem que não são de fácil digestão.”

A Sra. Verloc e Steve estão na rua observando uma pomba. Steve observa que a ave está muito gorda. A Sra. Verloc responde que se ele só comesse pão e milho também estaria gordo. Ted, seguindo em suas investigações, se aproxima e, usando o pretexto da pomba, diz: “Gorda, não? Deveria comer mais frutas.” Steve responde: “Você e suas frutas! É o que vamos almoçar hoje!”. É a desculpa que Ted buscava. Convida-os para almoçar, seduzindo-os ao oferecer “um suculento bife”. Prontamente Steve aceita e Ted sugere irem ao *Simpsons*⁷. A Sra. Verloc tenta convencer ao irmão tomarem um chá no bar da esquina. Ted reforça o convite e pede para ela não ser tão dura. Ela aceita, satisfeita.

O *Simpsons* é um restaurante elegante, de muitos lugares, repleto de

⁷ Restaurante favorito de Hitchcock em Londres.

bem vestidos. Eles sentam em uma mesa já posta com talheres de prata e taças de cristal. A Sra. Verloc impressionada com o lugar nota ser um restaurante muito caro. Ted pede para ela não se preocupar, sem abandonar o disfarce de quitandeiro, pega o cardápio e passa a descrevê-lo: “Além de bife, temos ostras, caviar, salmão defumado, linguado frito, assado ou cozido, cordeiro assado, bolo de frango, pescado, vitela, chuletas, rins grelhados ou patos assados”. Steve está maravilhado com tantas opções. A Sra. Verloc, ainda preocupada com o preço, sugere que ele coma um ovo⁸ cozido com torradas e pede para ela uma salada, como sempre comem em casa. Ted faz expressão de desolado e diz: “Ovo cozido aqui no *Simpsons*? Isso faria a vitela se revirar no molho!” Considera um pecado num lugar como aquele pedir uma comida que come em casa, que a própria empregada faz. Ordena: “Três bifés assados e uma xícara de café”. Quando o pedido vem à mesa, quem o traz é o chef. Ele vem empurrando um *guéridon*⁹ com uma *cloche*¹⁰, quando ele a abre, apresenta o suculento pedaço de carne, demonstrando saber como o cliente gosta de ser servido. Isso gera a desconfiança da Sra. Verloc, mas Ted disfarça fazendo-a rir. Esse fato, de fazê-la rir e de prover uma refeição daquelas a Steve, seu irmão, faz a Sra. Verloc rever a implicância inicial que tinha por Ted.

De todo o cardápio, Ted descreveu somente as proteínas, as carnes. Alimento tradicional, a carne, segundo FLANDRIN e MONTANARI (1998, p.716), constitui, ao mesmo tempo, um critério essencial para o estabelecimento do nível e vida da população, sendo que a tendência à diminuição ou elevação de sua taxa de consumo é considerada muito significativa. Em todos países da Europa, o consumo médio de carne aumentou no decorrer dos séculos XIX e X. A Inglaterra se encontrava no grupo de grandes consumidores e dentro dos centros urbanos como Londres o consumo era ainda maior. Os ingleses, reputados carnívoros, se beneficiavam de melhores condições econômicas em relação aos seus vizinhos durante o século XIX e a primeira metade do século XX. Com isso, Ted mostra estar num nível socioeconômico superior ao da família Verloc, que, apesar de consumir carne, como é mostrado na cena em que o menino está preparando o jantar, não consumia carnes nobres como a

servida no restaurante *Simpsons*. Esse fato era comum nas casas inglesas da década de 30. Segundo FERNANDÉZ-ARMESTO (2010, p. 298), os cardápios da época mostram que as famílias mais pobres eram capazes de consumir alguma variedade de carne e incluir nas suas refeições, uma vez por semana, rosbife, peixe ou outra fonte fresca de proteína animal, tal como figado, coelho ou salsichas. Steve conta isso na cena em que monta o barco com a Sra. Verloc, ao relembrar o almoço com Ted no *Simpsons*, no diálogo:

Steve: Seria muito bom comer bife todos os dias. Comeria três vezes ao dia.

Sra. Verloc: Você enjoaria.

Steve: Aposto que não. Não sei como ficar enjoado comendo algo, exceto ovos cozidos.

Sra. Verloc: O que têm de ruim os ovos cozidos?

Steve: São a pior coisa do mundo. Aposto que Ted não os come.

Sra. Verloc: Aposto que come, sim.

Steve: Aposto que não. Estão abaixo de sua categoria.

Sra. Verloc: Não creio que Ted tenha tanta.

Steve: Tem categoria demais para comer ovos.

Hitchcock além de dar um perfil da família de classe média inglesa da época, utiliza o consumo de ovos, que ele tanto odeia, como classificatório do caráter de um homem.

Verloc vai buscar a bomba em uma loja de pássaros. Lá dentro está uma senhora questionando o dono da loja, porque seu canário não canta. Ela diz: “Já tentei fazer de tudo para ele cantar: assobieie, bati palmas, fritei bacon...” Mas uma galhofa de Alfred Hitchcock: quem não fica feliz com o aroma de uma fatia de bacon sendo frita?¹¹ Esse pedaço defumado de barriga de porco também está presente como uma referência prazerosa em “Janela indiscreta” (*Rear Window*, 1954) e “Frenesi” (*Frenzy*, 1972). Esse mesmo humor continua na cena em que Verloc se encontra com o fornecedor de bombas em sua casa, nos fundos da loja de pássaros. Quando é aberto o armário onde está

⁸ Mais uma vez, Hitchcock desvaloriza o ovo como prova de seu ódio.

⁹ Carrinho de serviço de um restaurante, onde vem a comida pra ser servida à mesa. Faz parte do serviço à inglesa.

¹⁰ Tampa de prata de um prato.

¹¹ Apesar de ser alimento rico em gordura e pouco saudável existe, hoje, uma campanha em redes sociais, entre profissionais da gastronomia, em favor do porco e, conseqüentemente, do bacon: “Bacon é importante!”

o suposto material, Verloc afirma que tudo parece ser inofensivo, ao ver um vidro de *catchup*. O fornecedor da bomba responde: “Tem razão, meu amigo.

Mas se juntarmos um pouco de *catchup* com geléia de morango, então...” e faz um gesto com as mãos que representa uma explosão.

Depois de matar o garoto ao fazê-lo levar a bomba em seu lugar, Verloc assume o atentado e diz para a Sra. Verloc que não tinha a intenção de matar o cunhadinho. É hora do jantar, a mesa está posta, ele se justifica. Ele quer que a vida seja tocada, como se nada tivesse acontecido. Ela está transtornada. Deixa-o falando sozinho e vai para o cinema onde está sendo projetado *Who killed Cock Robin?*. A Sra. Jones, sua empregada, já está indo embora e avisa que preparou a comida, alertando que Steve ainda não voltou, mas ela deixou um prato preparado para ele.

Tudo se repete como na rotina diária: a Sra. Jones vai embora deixando o jantar pronto, a Sra. Verloc volta para sua casa e, de forma mecânica, começa a servir a comida. O jantar é o mesmo da cena anterior: carne, batata e repolho, o possível *Corned Beef and Cabbage*. A repetição do cardápio, como a representação da vida da Sra. Verloc. Uma rotina sem graça, sem grandes inovações. Uma rotina que agora não tem mais motivo de existir. Ela abre a *cloche*, é o mesmo prato, o mesmo pedaço de carne que ela começa a fatiar. Verloc fica satisfeito ao vê-la agir como se tudo estivesse normal. Ele continua como sempre, abre a tampa da travessa, tem batata novamente. Ele pega uma. Abre a outra, é repolho novamente e, novamente, ele reclama: “De novo não! Por que aquela mulher nunca acerta o ponto? Já está aqui tempo suficiente para saber o meu gosto.” A Sra. Verloc olha o marido. Reflete sobre como ele pode reclamar do ponto do repolho depois do que fez. Hitchcock fecha o plano em seus olhos mirando para baixo, segue seu olhar até a faca com a qual está fatiando a carne. Ela analisa o objeto. Plano em seus olhos até o momento em que seu olhar, de repente, toma consciência do que a faca significa e ela a larga na mesa. Nesse instante, Hitchcock mostra Verloc em uma cena absolutamente corriqueira. Ele diz: “Não quero mais repolho. Porque não pedimos para o vizinho...” Nesse instante eles olham para o lugar posto na mesa que seria de Steve. O lugar está vazio, retratando a ausência do ente querido. A Sra. Verloc continua servindo e, mais uma vez, a faca chama sua atenção. Ela larga, olha para Verloc. Ele olha para a faca e intui o que ela está pensando. Ela pega e larga a faca novamente. Verloc a olha. Plano na Sra. Verloc aflita. Câmera em Verloc assustado. Ele levanta e lentamente se aproxima da Sra. Verloc. A câmera vai se fechando na Sra. Verloc, como se Verloc fosse se aproximando. Hitchcock cria um suspense entre os dois personagens e, no meio deles, a faca. Verloc está próximo a Sra. Verloc, os

dois olham a faca apoiada no prato. Quando Verloc faz um gesto de pegá-la, a Sra. Verloc é mais rápida e, quando Verloc dá sinal de que fará ou falará algo, ela enfia a faca no peito do marido.

Nessa cena, mais uma vez está o estranho segundo Freud (1976). O familiar que se torna estranho, atrapalhando a rotina. Mais uma vez, Hitchcock utiliza a faca, como em “Chantagem e confissão” (*Blackmail*, 1929), “Os 39 degraus” (*The thirty-nine steps*, 1935), “Psicose” (*Psycho*, 1960), “Cortina rasgada” (*Torn curtain*, 1966) e sugerida em “O inquilino sinistro” (*The lodger*, 1926), “Jovem e inocente” (*Young and innocent*, 1937) e “Sr. e Sra. Smith” (*Mr. and Mrs. Smith*, 1941), reforçando a ideia do que nem tudo é aparentemente banal como parece.

Ted encontra a Sra. Verloc em seu apartamento e eles deixam o local do crime. Ela quer se entregar para a polícia. Na rua movimentada, eles param em um beco para conversar. Ted diz: “Você não é culpada. Sei que foi um acidente. Ao fundo, colado na parede onde estão encostados, está um cartaz de propaganda de leite. O consumo de leite não era comum na época, era um alimento destinado somente para crianças. É o pano de fundo que Hitchcock escolheu para inocentar a Sra. Verloc, o cartaz de um alimento infantil, branco e puro como a imagem da personagem.

Podemos concluir que tudo aquilo que Hitchcock enquadrava em uma cena, tinha uma função, um significado. E com o alimento não era diferente. Através de metáforas ou símbolos, um prato de comida poderia, aparentemente, significar algo ou ainda ter uma segunda significação, de forma a contribuir com a narrativa, reforçar o drama e desempenhar um papel na ação. Em “Sabotagem” (*Sabotage*, 1936), isso não difere e Hitchcock utiliza de forma precisa e sutil o alimento como símbolo dramático, fornecendo ao espectador elementos úteis para reforçar a ideia da ambiguidade da protagonista: maçã e porco; deus e o diabo; Ted e Verloc. Mais uma vez, ele classifica socialmente os personagens por meio de suas refeições e mostra qual seria o mundo ideal para eles em termos alimentares. Como mestre do suspense, Hitchcock antecipa a situação de perigo em que se encontra Steve ao colocá-lo em uma cena aparentemente engraçada, preparando o jantar deixando evidente a segunda significação. Atrás do aparentemente comum e banal, o drama e o estranho. O assassinato do marido pela esposa. Um crime enquanto se serve um simples prato de carne assada com repolho e batatas.

Referências

FERNÁNDEZ-ARMESTO, Felipe. Comida. Uma história. Rio de Janeiro: Record, 2010.

FLANDRIN, Jean-Louis, MONTANARI, Massimo. História da Alimentação. São Paulo: Estação Liberdade, 1998.

GIBSON, Clare. Sinais e símbolos. Origem, história e significado. Lisboa: Tandem Verlag GmbH, 2008.

McDEVITT, Jim e SAN JUAN, Eric. A year of Hitchcock. Maryland, EUA: The Scarecrow Press, 2009.

POMMER, Mauro Eduardo. Alimentação, morte e sexo em Hitchcock. In: Estudos de Cinema 2000 - SOCINE. Porto Alegre: Editora Sulina, 2001.

TRUFFAUT, François. Hitchcock/TRUFFAUT: Entrevistas, edição definitiva. São Paulo: Companhia das Letras, 2011.

Disponível em: <http://moviegoings.wordpress.com/2008/04/30/week-18-sabotage-1936/>. Acesso em: 10/05/2019.

Disponível em: http://filmsdefrance.com/FDF_Sabotage_1936_rev.html. Acesso em: 10/05/2019.

Disponível em: <http://hitchcockandme.wordpress.com/2010/03/07/alfred-hitchcocks-wasted-sabotage>. Acesso em: 28/05/2012.

Sabotagem. Direção: Alfred Hitchcock. CONTINENTAL, 2004. 1 DVD (80 min) son., PB, legendado.